

O começo de uma década

A evolução do
mercado financeiro
até a metade
dos novos anos 20



REALIZAÇÃO

EQUIFAX | BoaVista

CDL POA

 **acordocerto**

SUMÁRIO

Mensagem de Henrique Moraes, CEO da Equifax BoaVista	3
Mensagem de Fernando Iódice, CEO da Acordo Certo	4
Resumo Executivo	5
População atendida	6
Com mais crédito, a vida financeira está melhor?	6
Indivíduos com crédito ativo	10
Visão por faixa etária	10
Visão por renda presumida	10
Visão por região	11
Inadimplência Nacional	12
Com mais crédito, o risco também cresce	12
Comentário do economista	15
Indivíduos inadimplentes	16
Visão por faixa etária	16
Visão por renda presumida	17
Visão por região	19
O risco iminente de inadimplência	20
Comprometimento de renda e endividamento total	20
Visão por faixa etária	22
Visão por renda presumida	23
Visão por região	25
O que esperar até o final da década	27
Metodologia	28
Empresas responsáveis	29

Mensagem de Henrique Moraes, CEO da Equifax BoaVista



Ao longo deste estudo, a Equifax apresenta um recorte do mercado de crédito brasileiro, uma demonstração de como nosso país evoluiu entre 2021 e 2025, se tornando mais competitivo para atender interesses e exigências socioeconômicas.

Iniciamos a década com um desafio global, que provocou a mudança de comportamento de pessoas, que ficaram ainda mais conectadas, mais exigentes com serviços digitais. Empresas de todos setores precisaram atender às mudanças da sociedade, que por um longo período ficou apenas no ambiente digital.

Eram novos riscos para o mercado, difíceis de medir, mas que forçaram o desenvolvimento de uma nova mentalidade para todos: a inovação é obrigatória para quem precisa se adaptar e permanecer relevante em um mercado.

Vimos isso de forma clara no mercado financeiro, com aumento e consolidação de novas instituições e serviços exclusivamente digitais, que contribuíram no acesso ao crédito, na inclusão financeira e oferecendo mais opções aos consumidores. Por consequência, a competitividade foi intensificada, mantendo o ritmo acelerado de inovação.

Essa aceleração da inovação provoca impacto direto na sociedade. Empresas de tecnologia, como a Equifax, desenvolvem modelos de machine learning e inteligência artificial há décadas, mas apenas nos últimos anos a IA se democratizou e popularizou entre pessoas do mundo todo.

O que outrora era restrito, tornou-se um elemento do cotidiano, ultrapassando o ponto de não retorno como IA generativa disponível à palma da mão.

Como muito do que aconteceu nos últimos anos, há eventos que podem ser previstos. Mas a Equifax continuará trabalhando para desenvolver soluções para problemas reais, incentivando e apoiando inovações que gerem impacto positivo, para pessoas e para a economia nacional.

Nosso objetivo é apoiar a economia nacional, contribuindo com tecnologias que tornam as estratégias de crédito ainda mais justas e sustentáveis, acelerando a economia e permitindo que possam viver sua sua melhor vida financeira.



Mensagem de Fernando Iódice, CEO da Acordo Certo, uma marca da Consumidor Positivo



Se o sistema financeiro do Brasil fosse um indivíduo, certamente seria um jovem adulto. Nem tão jovem, nem maduro. Nosso mercado de crédito já é grande demais para ignorar uma questão central dos anos: o paradoxo da inclusão.

O Brasil ampliou seu acesso ao crédito, mas a capacidade de pagamento das famílias diminuiu cada vez mais. Nos últimos cinco anos, o número de pessoas com contratos ativos cresceu 26,8% e ultrapassou 122 milhões.

No mesmo período, a inadimplência por pessoa subiu de 19,9% para 26,3%, sobretudo entre quem ganha até dois salários mínimos.

A inadimplência não é mais um problema a ser contornado. É uma fissura crescente em um pilar estrutural da economia que afeta de forma profunda o mercado em diferentes camadas.

Nunca operamos com tantas informações. Conhecer os consumidores e acompanhar suas mudanças de comportamento em tempo real exige cada vez menos esforço. Cabe a nós combinar tudo isso.

Entendemos que o cenário é complexo, mas se apresenta no momento em que estamos mais estruturados por tecnologia e conhecimento. O impacto que queremos depende de como vamos traduzir nossos recursos em alternativas concretas que terminam na negociação de uma dívida, mas que começam na orientação que aproxima o endividado do problema, ao invés de afastá-lo.

Na Acordo Certo, ajudamos 16 milhões de brasileiros a renegociar suas dívidas e a voltar a ter crédito. Essa experiência nos ensinou que dados e tecnologia são fundamentais para personalizar soluções em escala, mas não substituem a comunicação clara e o contato humano

Para as empresas, o desafio é olhar para toda a jornada: entender a capacidade de pagamento antes de conceder crédito, acompanhar o consumidor ao longo do tempo e oferecer caminhos de saída quando surgirem dificuldades.

Ajudar a reorganizar as finanças do brasileiro em 2026 é uma missão de peso, mas que gera valor muito além da dívida recuperada. Não é apenas resgatar os bons indicadores, é fazer com que o crédito não seja mais um recurso de sobrevivência e volte a ser um propulsor do bem-estar financeiro.



Resumo executivo

Este estudo detalha a evolução do mercado de crédito no Brasil entre os anos de 2021 e 2025, apresentando um panorama completo sobre como a expansão do crédito impactou a economia e o comportamento dos brasileiros na metade da década.

O relatório aponta que, embora o acesso ao crédito tenha se tornado mais simples para grande parte da população, houve um aumento concomitante nos índices de inadimplência e endividamento.

Desde 2021:

- Indivíduos com crédito ativo **aumentou 26,8%**
- Relacionamentos de crédito **aumentou 52,5%**
- Saldo de contratos de crédito ativo **aumentou 63,7%**
- Taxa de indivíduos inadimplentes **aumentou 32,3%**
- Taxa de saldo inadimplente **aumentou 101,1%**
- Negativas **aumentou 73,1%**
- Indivíduos negativados **aumentou 39,8%**

2025 encerrou com:

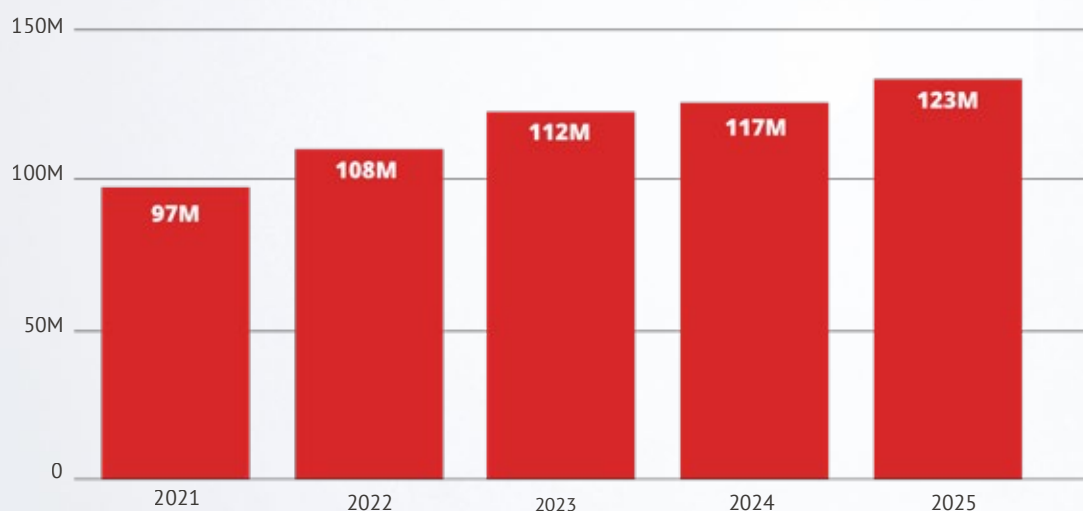
- Indivíduos com crédito ativo aumentou, **foi superior a 122 milhões**
- Relacionamentos de crédito **ficou em de 396 milhões**
- Saldo de contratos de crédito ativo **aumentou para R\$4,47 trilhões**
- Taxa de indivíduos inadimplentes **foi de 26,3%**
- Taxa de saldo inadimplência aumentou e **encerrou em 3,97%**
- Negativas aumentou cerca de **172 milhões**
- Indivíduos negativados cerca de **60 milhões**

POPULAÇÃO ATENDIDA

Com mais crédito, a vida financeira está melhor?

No cenário financeiro brasileiro, considera-se consumidor ativo a pessoa física que possui pelo menos um instrumento ou operação de crédito em vigor.

Quantidade de contratos ativos



Analisando a evolução de pessoas ativas, podemos observar um aumento destaque de 2021 para 2022 (11%), após esse período o crescimento de consumidores ativos se estabiliza em aproximadamente em 4% ao ano.

Entrantes versus saídas



COM MAIS CRÉDITO, A VIDA FINANCEIRA ESTÁ MELHOR?

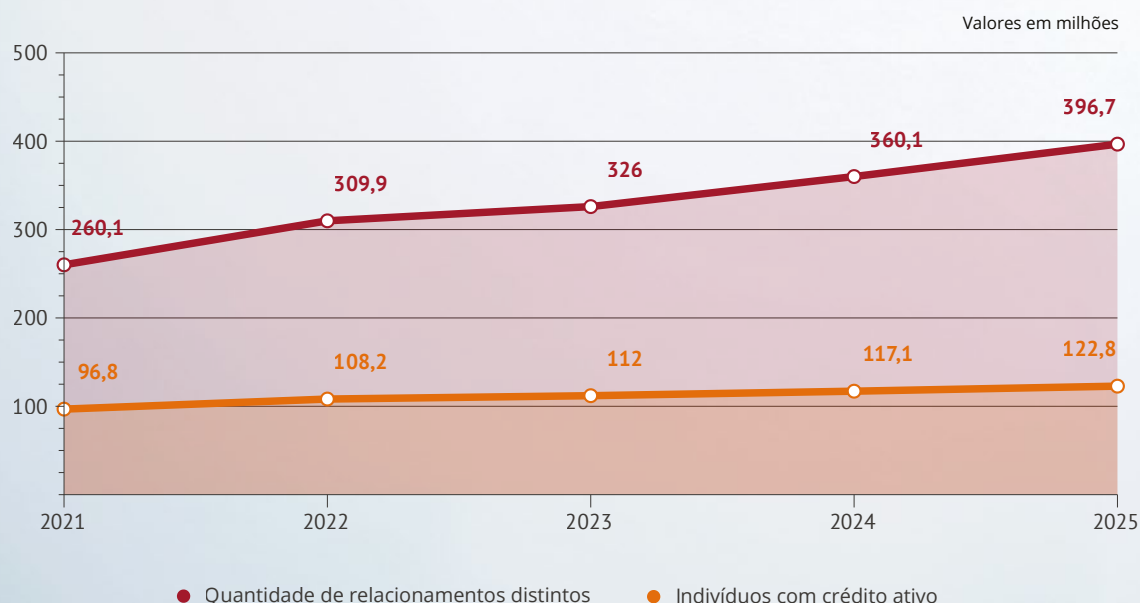


Com aumento de 63,74%, o saldo de crédito ativo chegou à quase R\$4,5 trilhões no final de 2025, antes de R\$2,7 tri em 2021.

Com aumento de 52,5%, o volume de relacionamentos distintos entre indivíduos e instituições credoras chegou a mais de 395 milhões. Assim, também houve um aumento de 6,9% no ticket médio do crédito por indivíduo, que foi de R\$11.271,79 no final de 2025.

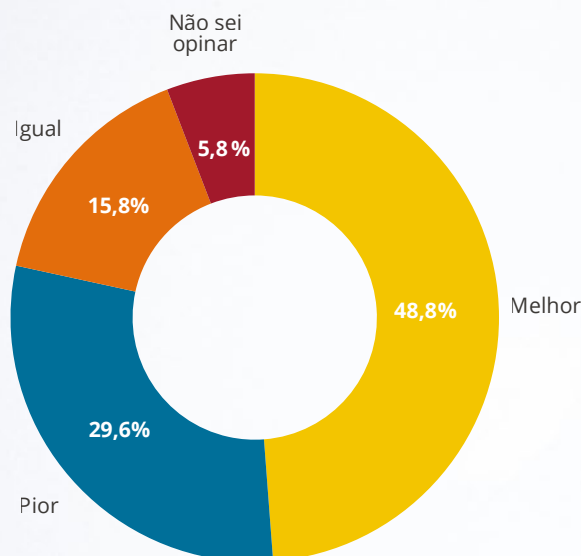
Em 2021, nem 100 milhões de indivíduos possuíam crédito ativo; com aumento de 26,8%, são mais de 122 milhões de pessoas com crédito no mercado brasileiro.

Relacionamentos e indivíduos com crédito ativo



De acordo com uma pesquisa de opinião com brasileiros com contratos de crédito ativo, realizada pela Acordo Certo, 48,8% das pessoas acreditam que sua vida financeira está melhor agora que no início da década, para 29,6% está pior; 15,75% afirmou que a vida está igual e 5,84% não souberam opinar.

Sua vida está melhor ou pior que em relação ao início da década?



Entre os que afirmaram que a vida financeira está melhor, 32,3% afirmou que é porque tem mais poder de compra, 30% porque não tem dívidas acumuladas. 17,5% ainda afirmou “eu consegui guardar dinheiro”.

Este público afirmou que a melhoria de vida foi provocada pela troca de emprego (55,68%), enquanto a economia nacional teve 13,75% e ações do governo 8,5% das respostas.

Para quem sentiu que melhorou

- Ainda que a vida tenha melhorado, 43,36% não conseguiram realizar algum desejo. Entre os 56,64% que realizaram, a compra de veículos (17,74%) e a compra de casa própria (15,09%) aparecem como as realizações mais frequentes.
- Entre os que afirmaram que a vida financeira está melhor, 32,3% afirmou que é porque tem mais poder de compra, 30% porque não tem dívidas acumuladas. 17,5% ainda afirmou eu consegui guardar dinheiro.
- A principal resposta para justificar a melhoria de vida foi a troca de emprego (55,68%), enquanto as ações do e a economia nacional teve 13,75% das respostas e as ações do governo 8,5% das respostas.

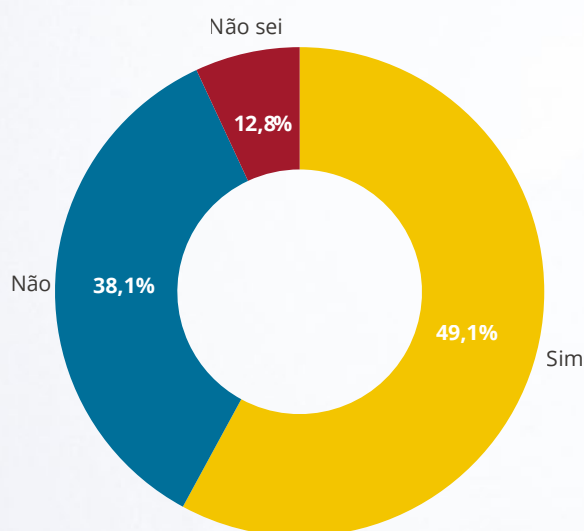
Para quem acha que piorou

- Já entre os que afirmaram que a vida financeira está pior, há uma distribuição entre as justificativas, com dívidas acumuladas (30,28%) sendo a principal explicação da afirmação.
- Para 34,87% dos respondentes, a economia nacional é o principal motivo para piorar na vida pessoal. 23,29% afirmou que foi pelo desemprego.
- 78,6% afirmou que abriu mão consumos de alto custo, como deixar de viajar (28,46%) e trocar de veículo (20,78%) e financiamento de imóvel (18,22%).

Sobre o cenário do mercado financeiro, 37,42% dos respondentes afirmaram que bancos e instituições financeiras estão pior que no início da década; 35,33% que estão melhores e 27,26% não souberam responder.

Quase metade dos respondentes (49,1%) afirmou que acredita que hoje é mais fácil conseguir crédito; 38,06% afirmou que não ficou mais fácil e 12,84% não souberam.

Você acredita que ficou mais fácil ter aprovação de créditos nos últimos 5 anos?



Comentários de Oscar André Frank Junior, Economista-chefe da CDL Porto Alegre

O aumento do número de consumidores está relacionado ao processo de bancarização da população brasileira. Cabe ressaltar que o crescimento mais acentuado no início dos anos 2020 guarda conexão com a pandemia, uma vez que o pagamento de recursos do Auxílio Emergencial ocorreu exclusivamente por meio de plataformas digitais em virtude do distanciamento social, resultando na inserção de milhões de brasileiros no sistema financeiro.

Além disso, outros fatores têm colaborado para a expansão do crédito, entre eles o Pix, novas modalidades - como o consignado privado -, o aumento da oferta por meio das fintechs, o desenvolvimento do open finance e o aprimoramento dos modelos de score, que beneficiam, principalmente, trabalhadores informais e pessoas de baixa renda.

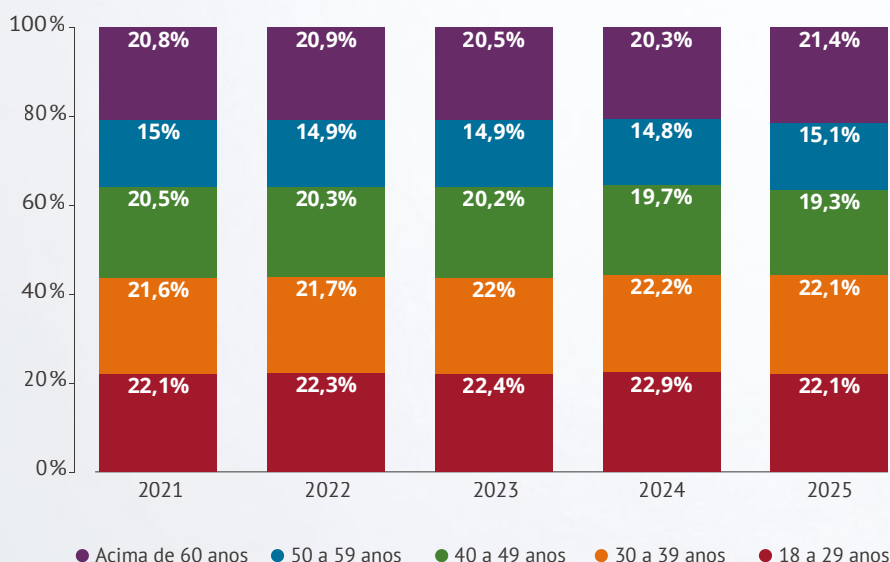
Por fim, a percepção de melhora na vida financeira acompanhou, em boa medida, a evolução do mercado de trabalho: após a crise do coronavírus, a taxa de desemprego caiu de quase 15% para mínimas históricas, pouco acima de 5%. Como resultado da intensificação da disputa por mão de obra escassa, a massa salarial registrou crescimento real.

INDIVÍDUOS COM CRÉDITO ATIVO

Visão por faixa etária

Ao observar a distribuição de indivíduos com crédito ativo por faixa etária, houve estabilidade ao longo dos anos, com a mudança mais significativa ocorrendo entre 2024 e 2025: indivíduos mais velhos tiveram aumento de 1,3 p.p. na distribuição, sendo aumento de 0,3p.p. pessoas entre 50 e 59 anos e 1p.p. entre os acima de 60 anos.

A maior redução foi do grupo entre 40 e 49 anos, com uma redução de 0,4 p.p. na comparação com 2024.



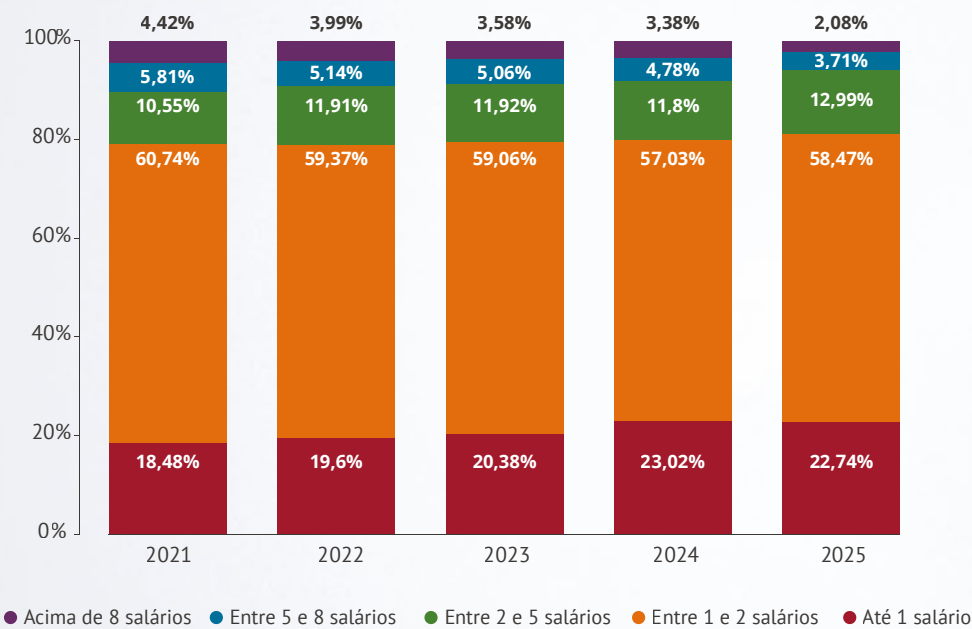
Visão por renda presumida

Na distribuição por renda presumida, entre 2021 e 2025 as duas maiores faixas de renda tiveram redução na distribuição de contratos de crédito ativo, enquanto a faixa de renda mais baixa, com até 1 salário mínimo, tiveram aumento na participação.

Indivíduos que recebiam mais de 8 salários mínimos tiveram uma queda de 2,34p.p. na distribuição. Eram responsáveis por 4,42% dos contratos de crédito ativo e passaram a representar 2,08%; Quem ganha entre 5 e 8 salários caiu de 2,1p.p, saindo de 5,81% para 3,71%.

Caiu também a participação dos indivíduos que ganham entre 1 e 2 salários, grupo com maior parcela dos contratos de crédito, saindo de 60,74% para 58,47%, uma queda de 2,27 p.p.

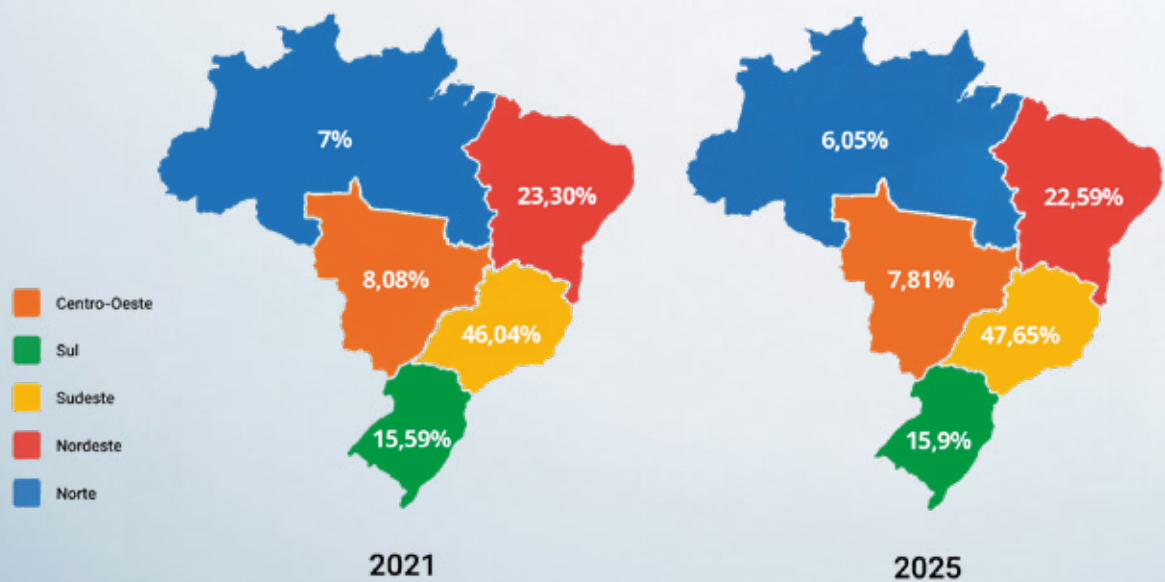
Aumentou em 2,44 p.p. o percentual de pessoas que ganham entre 2 e 5 salários aumentou de 10,55 para 12,99%. O maior aumento ocorreu entre pessoas da menor faixa de renda presumida, de 18,48 para 22,74%, aumentando 4,26%.



Visão por região nacional

A distribuição de contratos de crédito pelo Brasil é similar à distribuição da população nacional, mas com uma concentração maior para região sudeste, que representa 41,69% dos brasileiros, de acordo com o IBGE, e encerrou 2025 com 47,65% dos contratos de crédito ativo, um aumento de 1,61 p.p. em relação à 2021. A menor concentração de crédito ativo está na região Norte, com 6,05% dos contratos, uma redução de 0,95 p.p. em relação à 2021.

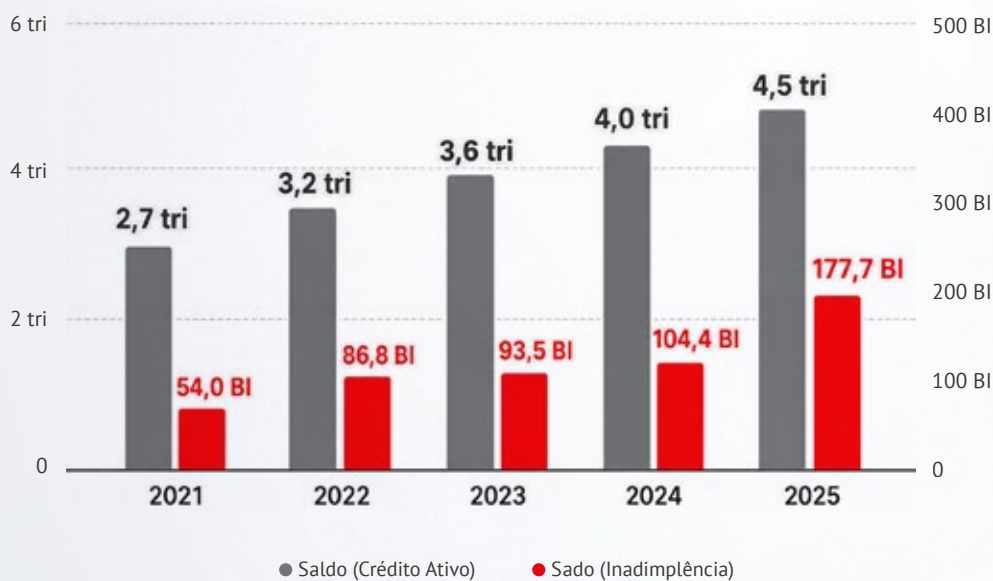
Indivíduos com crédito ativo



INADIMPLÊNCIA NACIONAL

Com mais crédito, o risco também cresce

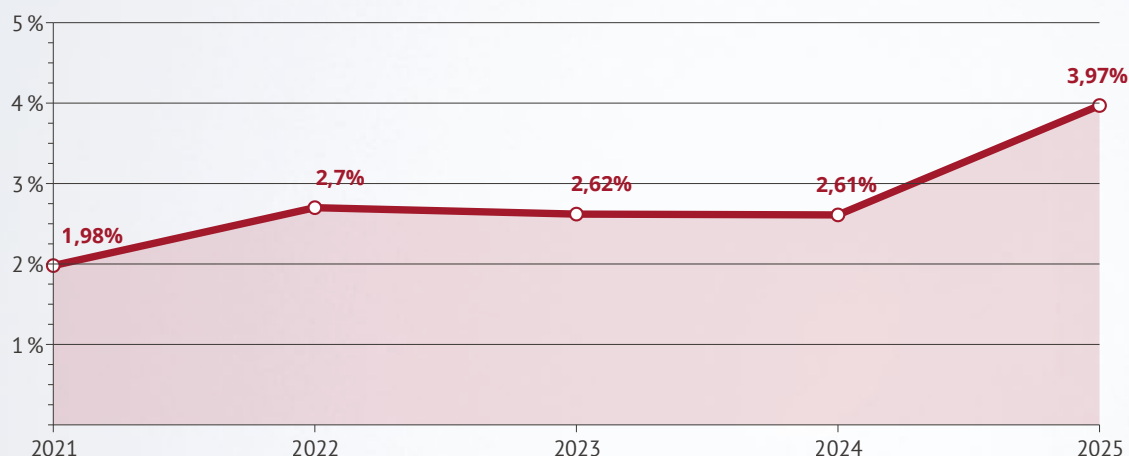
Para entender melhor o risco, é utilizada a métrica de inadimplência, apresentando uma relação de saldos em dia (0 a 15 dias) e saldos em atraso (de 15 dias a 360 dias) resultando em uma métrica de saúde da carteira.



Entre 2021 e 2025, o Saldo de Crédito Ativo saltou de R\$2,7 trilhões para R\$4,4 trilhões, o que representa um crescimento de 63,7% na carteira. Já o saldo Inadimplente passou de R\$54,0 bilhões (2021) para R\$177,6 bilhões (2025), resultando no aumento da taxa de inadimplência sobre a carteira ativa, que era de 1,98% e passou para 3,97%.

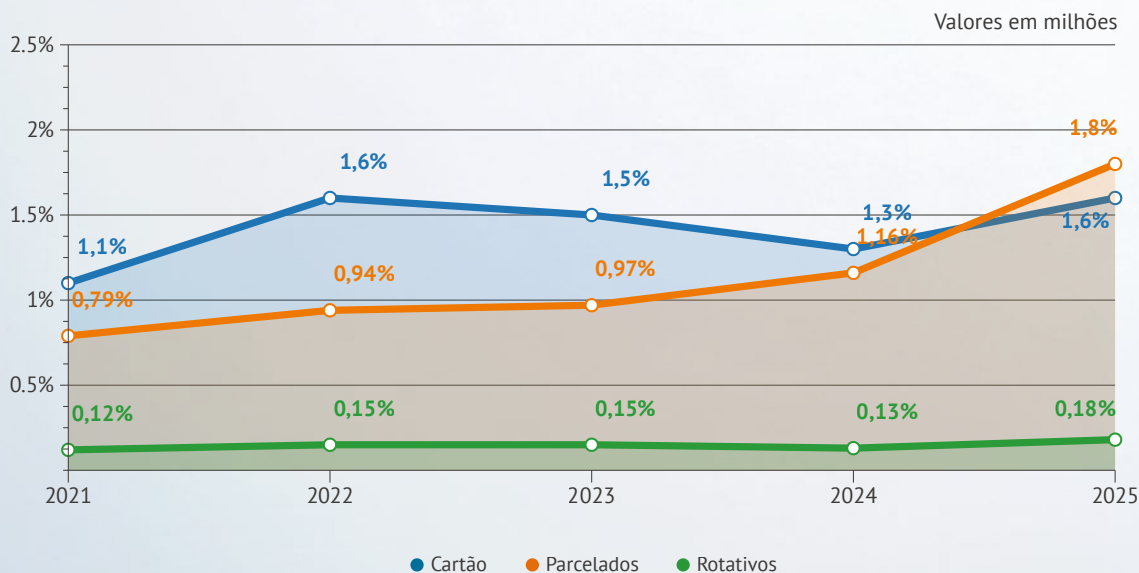


Taxa de saldo inadimplente



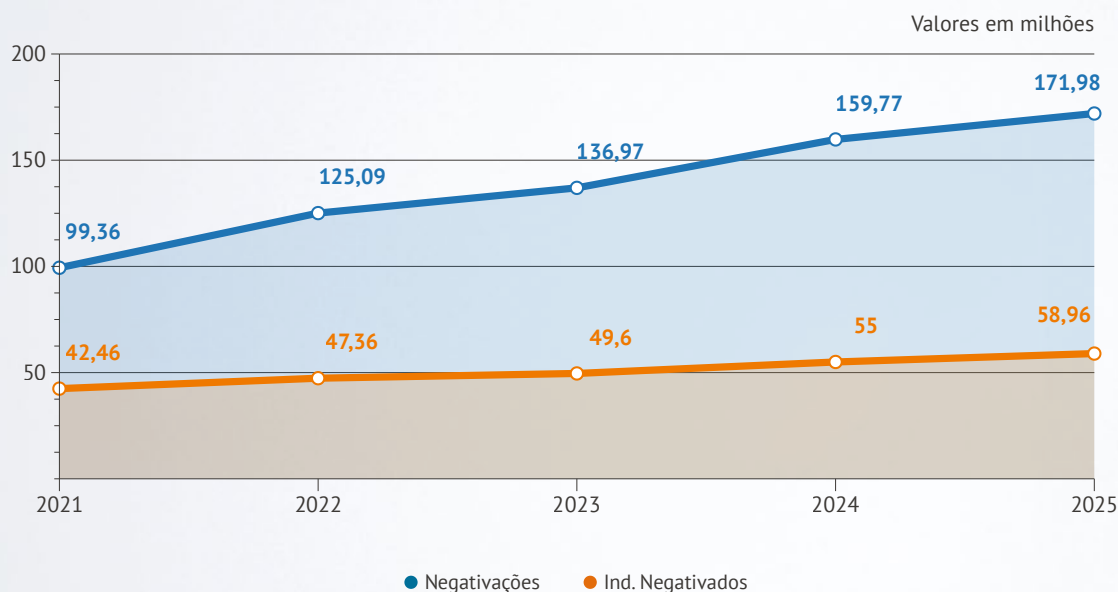
Observa-se que o aumento da taxa de inadimplência está associado ao tipo de produto concedido, com destaque em crédito parcelado com aumento de 73% contra 34% de aumento em cartões de crédito.

% da taxa de inadimplência por produto



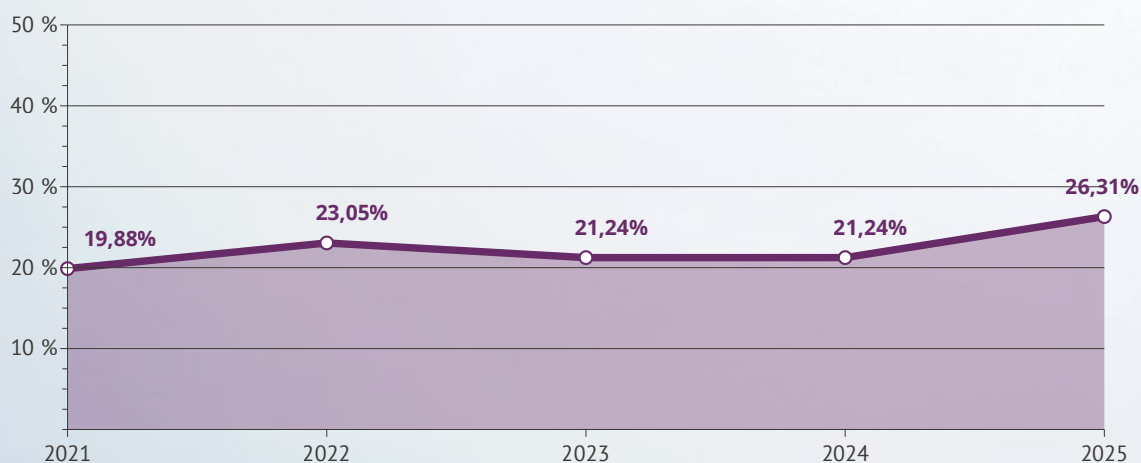
Como nem todas as pessoas que estão em atraso, estão negativadas hoje e quando comparamos esse aumento da inadimplência com a taxa de negativados, observamos que houve também um aumento de 39,8% no número de pessoas negativadas e de 73,1% no volume total de negativações em relação a 2021. Mesmo com a rotatividade natural de consumidores no cadastro, o devedor passou a acumular mais restrições em média: subindo de 2 para 3 por pessoa.

Negativações e indivíduos negativados



Quando analisamos a inadimplência por pessoa (onde a mesma pessoa pode ter contratos em dia e em atraso simultaneamente), a evolução entre 2021 e 2025 é similar à evolução de indivíduos com crédito ativo, mas em um ritmo mais acelerado. A taxa de inadimplência era de 19,9% e passou para 26,3%, um crescimento de 32,3%.

Taxa de indivíduos inadimplentes



O período dos últimos cinco anos foi marcado por altas e até por alguma estabilidade na taxa de inadimplentes: um aumento de 15,93% entre 2021 e 2022, seguido por uma baixa de 2022 para 2023 e estabilidade em 2024.

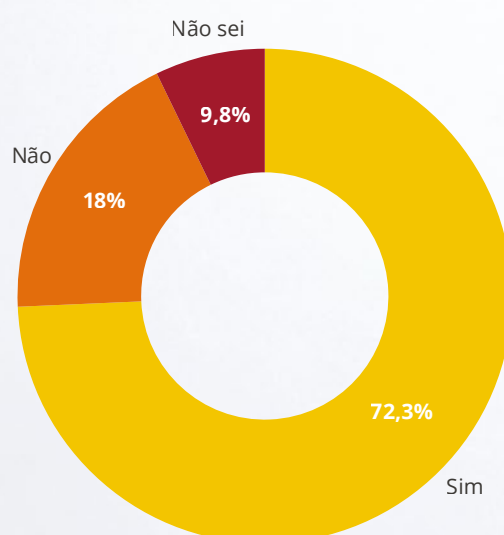
Contudo, em 2025 este indicador voltou a crescer e em um ritmo mais acentuado, de 23,9% e encerrando o ano em 26,3%.

Ainda que haja um crescimento no índice de pessoas inadimplentes, é relevante apontar que em 2025 **73,7% dos mais de 122 milhões de brasileiros com crédito ativo honrando suas dívidas em dia, com bancos e instituições financeiras recebendo 96,03% do crédito concedido.**

Este indicador está em linha com a pesquisa realizada com consumidores. Ao serem questionados se possuem conhecimento suficiente para gerir suas finanças pessoais, 20,6% afirmou que não tem conhecimento suficiente, enquanto 61,2% afirmou que possuem e 18,2% não souberam responder.

Assim como a percepção do público demonstra que ficou mais fácil conseguir crédito, também ficou mais fácil ter problemas financeiros: **72,3% dos respondentes da pesquisa afirmaram que é mais fácil ficar endividado** e 18,0% que não está mais fácil. 9,8% não souberam responder.

Acredita que ficou mais fácil ter dívidas desde o início da década?



Comentário do economista



Ao longo dos últimos anos, diversos choques sanitários (como a pandemia de Covid-19) e geopolíticos (como as guerras entre Rússia e Ucrânia, e entre Estados Unidos e Irã) causaram pressões inflacionárias relevantes.

Além disso, a manutenção de uma postura de expansão do gasto público e o aquecimento do mercado de trabalho — motivado pela retomada da economia pós-coronavírus e por questões demográficas — têm contribuído para que a Taxa Selic, que funciona como balizador do custo do crédito, permaneça em patamar elevado, pressionando a inadimplência.

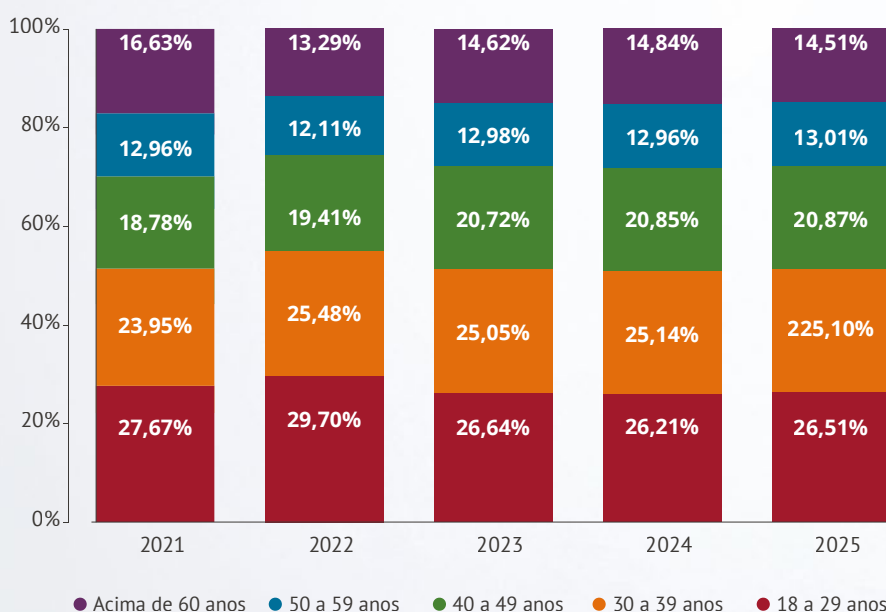
Há, no entanto, novos componentes nessa equação, como o crescimento do mercado de apostas online (bets) e a maior facilidade de acesso ao crédito, sobretudo pelos canais digitais, que potencializam a deficiência de educação financeira de boa parte da população.



INDIVÍDUOS INADIMPLENTES

Visão por faixa etária

Entre a representatividade do total de inadimplentes no Brasil, há uma estabilidade distribuição dentre as faixas etárias, com um ponto de atenção para o público entre 40 e 49 anos, que tiveram aumento na concentração relativa de 2,09 p.p. e do público acima de 60 anos, com uma redução na concentração relativa de 2,12 p.p. entre 2021 e 2025.

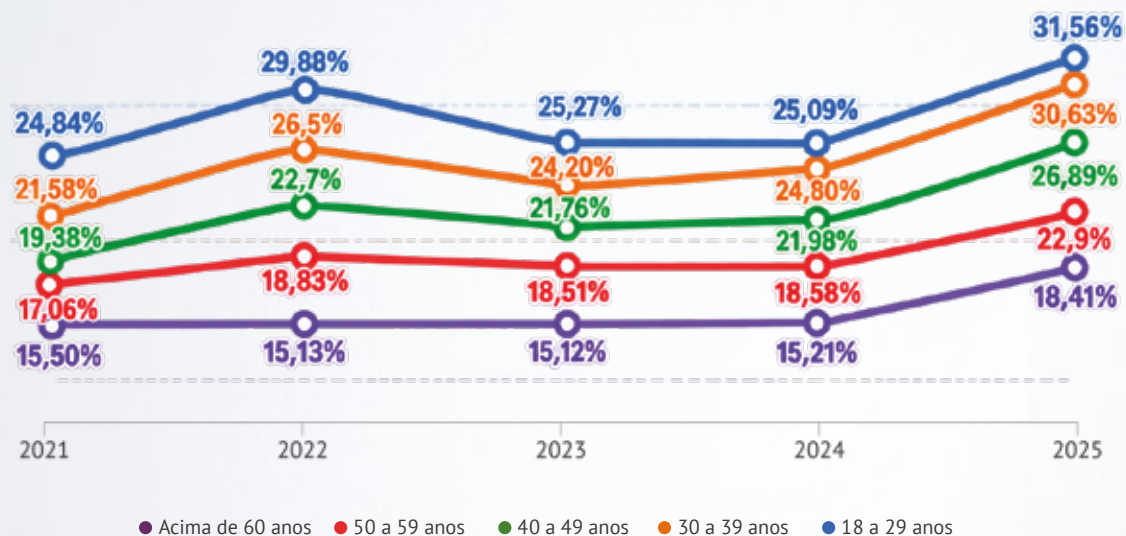


Ao longo dos últimos anos, houve aumento de taxa de inadimplência em todas as faixas etárias, com a faixa de indivíduos entre 30 e 39 tendo o maior aumento: em 2021 o índice deste grupo era de 21,6% e passou para 30,6% – um aumento de 41,9% – sendo também o grupo com maior taxa de inadimplência em 2025.

Com o menor na taxa de inadimplência ao longo dos cinco anos (18,4%), o grupo de pessoas acima de 60 anos grupo chama atenção também pelo menor aumento (18,8% desde 2021), que ocorreu de forma concentrada entre 2024 e 2025, quando o crescimento foi de 21,1% a.a.

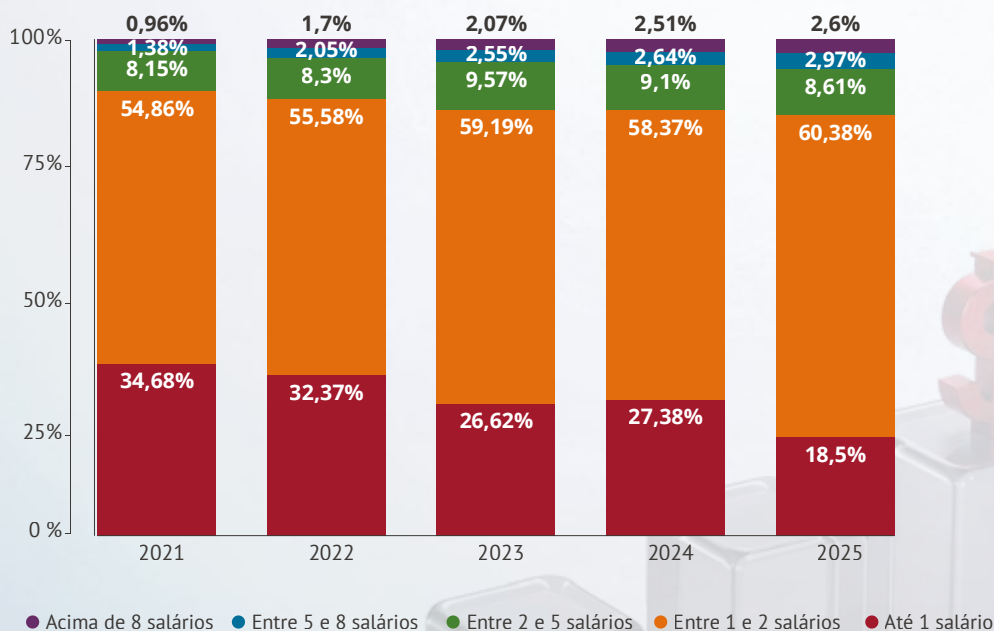


Índice de inadimplência por faixa etária



Visão por renda presumida

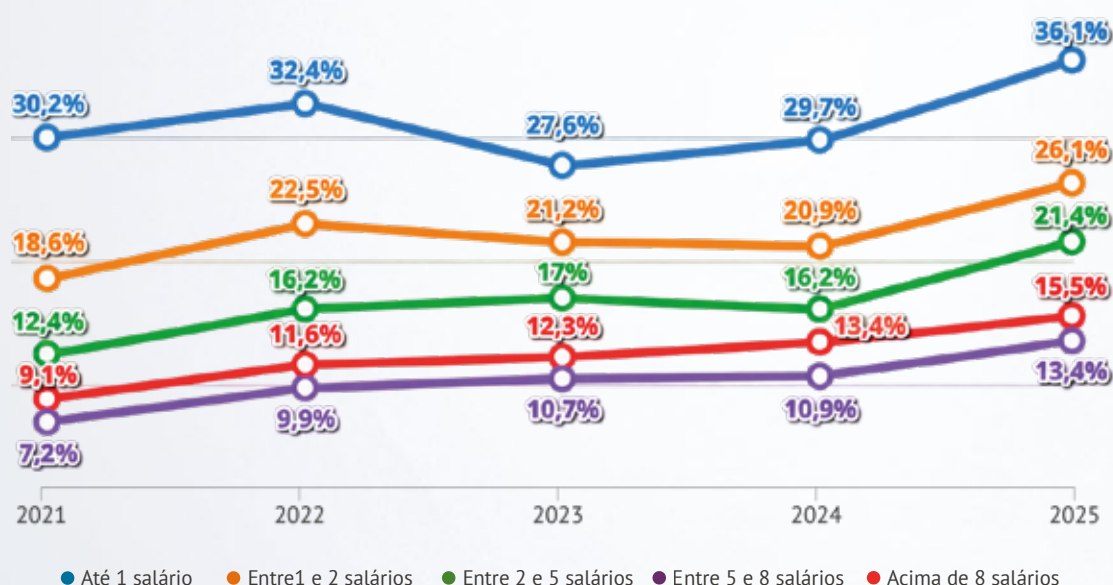
A análise da distribuição dos inadimplentes entre 2021 e 2025 revela uma mudança na participação relativa de cada faixa de renda no montante total de devedores.



Os indivíduos que recebem entre 1 e 2 salários mínimos consolidam a maior fatia do indicador ao longo de todo o período, expandindo sua participação em 5,5 p.p. e encerrando 2025 com 60,4% do total de inadimplentes (ante 54,9% em 2021).

Em contrapartida, observa-se uma redução expressiva na participação da faixa de até 1 salário mínimo, que caiu 9,2 p.p. no período, encolhendo sua representatividade de 34,7% em 2021 para 25,4% em 2025.

Índice de inadimplência por renda presumida



A faixa de até um salário mínimo mantém o maior nível de inadimplência do estudo, encerrando 2025 em 36,1% (ante 30,2% em 2021). Contudo, por já partir de um patamar elevado, foi o grupo que registrou a menor variação proporcional do período (+19,6%), indicando que este grupo manteve o patamar de inadimplência mais elevado em relação às demais faixas durante todo o período analisado.

Por outro lado, os grupos de maior renda encerraram 2025 com os menores índices de inadimplência, mas chamam a atenção pelo ritmo de crescimento.

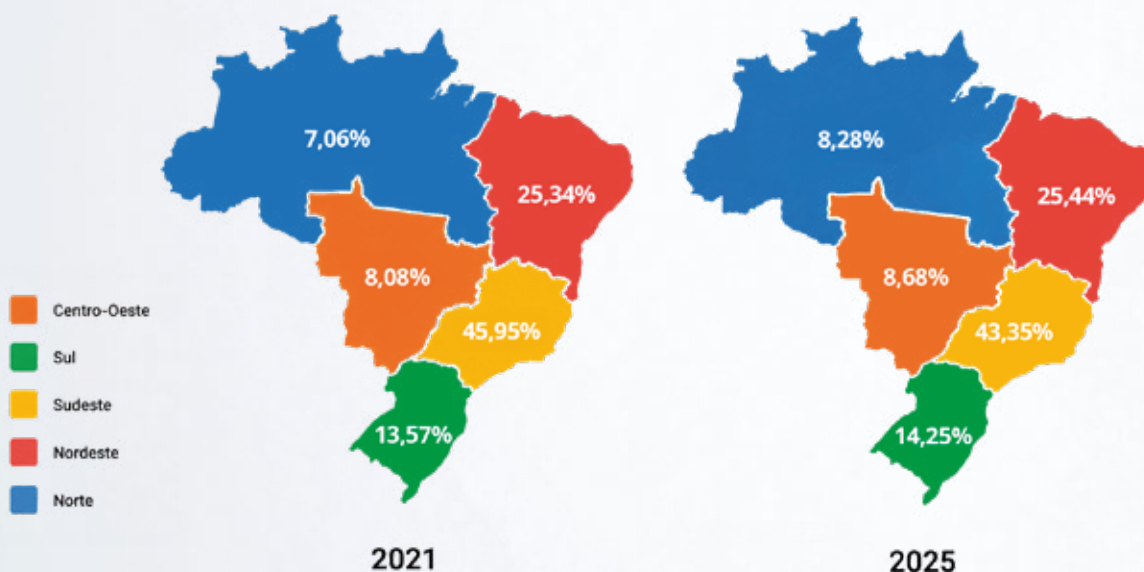
Como partiram de patamares muito baixos em 2021, registraram os maiores avanços percentuais do estudo: a faixa de 5 a 8 salários subiu em 6,3 p.p., enquanto rendas acima de 8 salários subiram em 6,4 p.p.



Visão por região

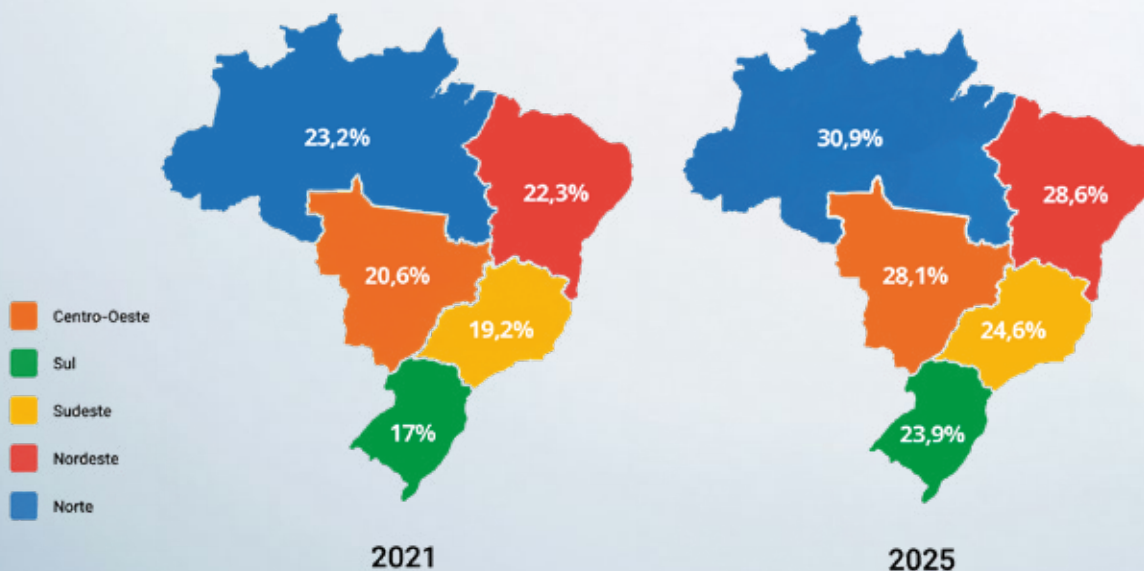
A distribuição regional dos indivíduos inadimplentes permaneceu praticamente inalterada entre 2021 e 2025, registrando apenas discretas variações na participação relativa de cada região ao longo dos cinco anos.

Indivíduos inadimplentes por região



A Região Sudeste continuou concentrando a maior parte dos inadimplentes do país, com um leve recuo de 2,60 p.p. em sua representatividade (de 45,9% em 2021 para 43,4% em 2025). As demais regiões mantiveram suas proporções quase constantes, destacando-se a Região Norte, que registrou aumento de 1,22 p.p. em relação a 2021. Entre 2021 e 2025, o índice de inadimplência avançou em todas as regiões brasileiras, sem alterar as posições dos extremos: o Norte manteve a maior taxa do país e o Sul, a menor.

Índice de inadimplência por região



Embora a Região Norte registre a maior taxa de inadimplência em 2025, sua participação no volume total por região é discreta, representando 8,3% dos indivíduos inadimplentes. Na prática, o volume de inadimplentes por região é puxado pelo Sudeste e pelo Nordeste, que juntos concentram quase 70% dos indivíduos inadimplentes do país (43,4% e 25,4%, respectivamente).

Por outro lado, a Região Sul manteve a menor taxa em 2025 (23,9%). Como partiu de um patamar menor em 2021 (17,0%), a região acabou registrando a variação percentual mais expressiva do período (+40,7%).

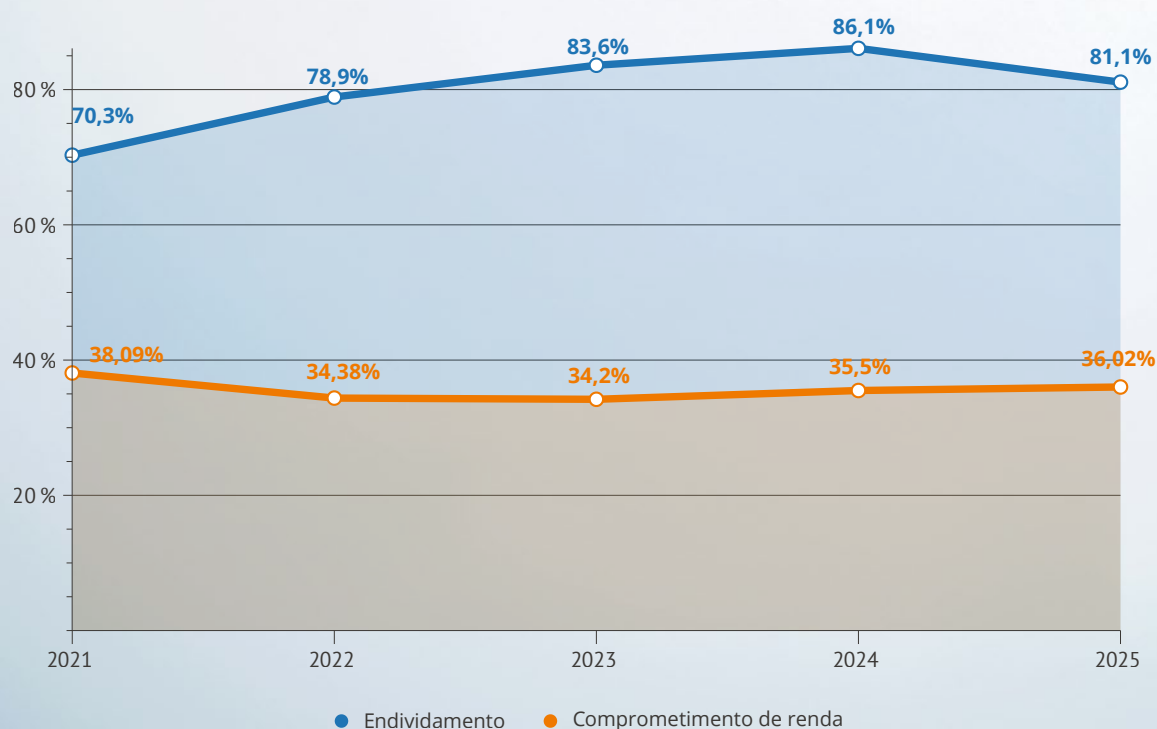
O RISCO IMINENTE DE INADIMPLÊNCIA

Comprometimento de renda e endividamento total

É importante indicar que o índice do comprometimento de renda consiste na relação entre o valor das parcelas e faturas devidas no mês e a renda mensal presumida. Esse índice no curto prazo é relevante no processo de decisão de concessão de crédito, para entender o momento atual do indivíduo e ajuste do limite mais adequado.

Já o endividamento é um indicador mais robusto e estável a longo prazo, pois relaciona o saldo devedor total do indivíduo e a renda presumida anual.

Endividamento e comprometimento





O índice do comprometimento de renda com contratos de crédito apresentou um crescimento gradual até 2024, quando chegou à 86,10%, com uma queda de 5,81% e encerrou 2025 em 81,10%. Assim, ainda houve um aumento de 15,36% em relação a 2021, quando o comprometimento de renda era de 70,30%.

Já o endividamento total apresentou queda até 2023, quando atingiu o menor nível (34,20%) e depois iniciou um crescimento ano a ano. Em 2025, encerrou com taxa de 36,02%, uma redução de 5,81% em comparação com 2021.

Há uma correlação temporal entre os dois indicadores, uma vez que o comprometimento representa o momento de crédito atual, o endividamento representa a situação futura, é esperado que o comprometimento se estabilize nos próximos anos, uma vez que o endividamento está estabilizado.

Comentário do economista

A abertura dos dados de inadimplência evidencia que a incidência é maior entre os mais jovens. Nesse sentido, fatores como o menor tempo de experiência no mercado de trabalho, que afeta negativamente os rendimentos, contribuem para a formação de dívidas em atraso. É razoável imaginar também que rendas mais baixas aumentam a suscetibilidade a eventuais choques capazes de empurrar as famílias para a inadimplência.

Além disso, vale destacar que a inadimplência é proporcionalmente menor entre quem recebe 1 salário mínimo em relação a quem recebe 2, pois, no primeiro caso, o acesso a produtos bancários é menor.

Por sua vez, a queda observada no comprometimento de renda em 2025, na comparação com 2024, não deve necessariamente ser encarada como uma melhora estrutural do panorama, pois é possível que seja resultado de um processo de ajuste das famílias ao cenário caracterizado pelo custo elevado do crédito.



Visão por faixa etária

Ao observar o comprometimento de renda por faixa etária, há dois grupos que chamam mais atenção: pessoas acima de 60 anos, a única faixa que teve redução (queda de 2,9%) e encerrou 2025 com um índice de 66,4%.

O segundo grupo é a faixa jovem, com indivíduos entre 18 e 29 anos, que apresentavam o menor indicador em 2021, mas apresentaram uma evolução acelerada e encerraram 2024 com comprometimento de renda em 101,3%.

Contudo, em 2025, foi observada uma redução no indicador, que encerrou em 82,1%. Ainda assim, o grupo teve um aumento de 31,2% no índice de comprometimento de renda desde 2021.



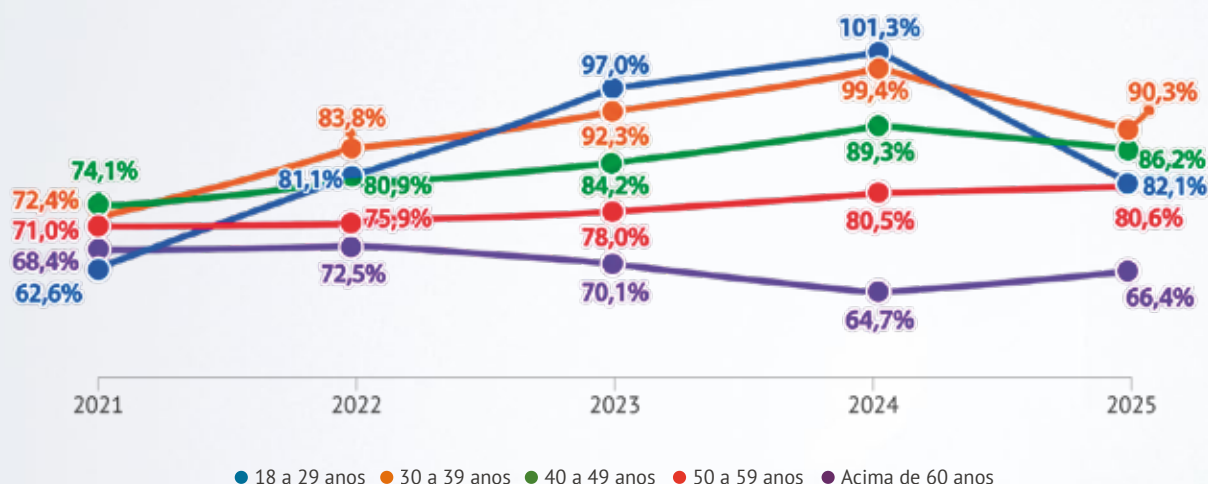
Com o segundo maior aumento (24,7%), a faixa etária de pessoas entre 30 e 39 anos encerrou com maior índice de comprometimento de renda: 90,3%.

Este grupo teve a maior redução no endividamento total. Com uma queda de 14,6%, o índice encerrou 2025 em 33,7%, o segundo menor, acima apenas do faixa mais jovem.

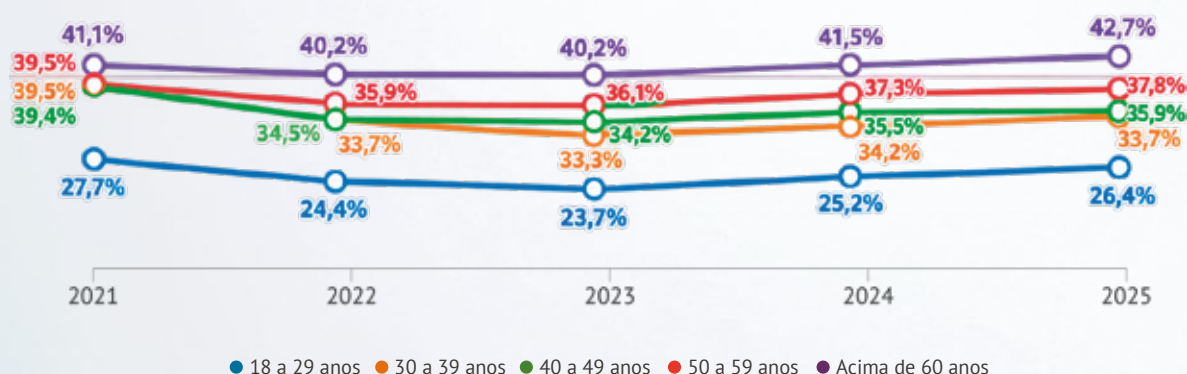
De forma inversa ao cenário de comprometimento de renda, ao observar o endividamento total o único grupo que apresentou crescimento foi o de pessoas acima de 60 anos, mesmo que de forma leve (3,9%): em 2021 o índice era de 41,1% e passou para 42,7%, em 2025.

Ao longo de todo período, o grupo dos mais velhos apresentou maior índice de endividamento total, enquanto o dos mais jovens as menores taxas. Indivíduos entre 18 e 29 anos apresentaram uma queda de 4,7%, encerrando 2025 com endividamento total de 25,4%, ante 27,7% em 2021.

Comprometimento de renda por faixa etária



Endividamento total por faixa etária



Visão por renda presumida

Ao observar o comprometimento de renda por grupos de renda presumida, foi observado um aumento em todas as faixas, com exceção dos indivíduos que ganham até um salário mínimo, que chegaram em 2025 com índice similar ao de 2021 – era 57,4% e encerrou o ano passado com 57,2% –, mas não antes de passar por um pico de crescimento em 2023, quando o grupo atingiu 92,6% do comprometimento de renda.

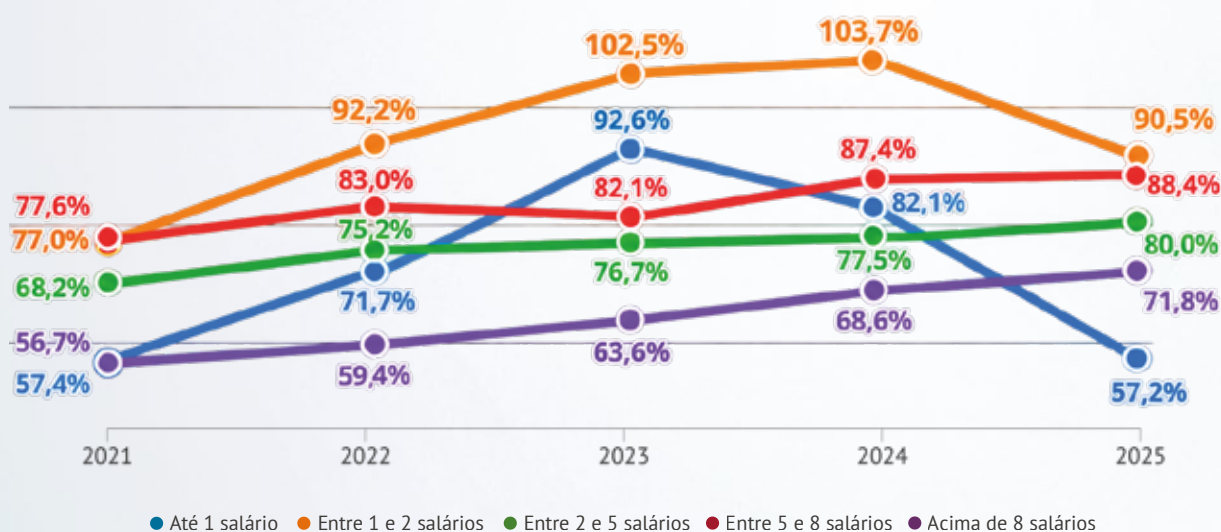
No último ano, apresentaram o menor índice histórico entre os grupos observados.



Outro grupo que também teve evolução significativa, seguida por queda, foi o de pessoas que recebem entre 1 e 2 salários mínimos. Encerraram 2021 com 77,0% no índice e passaram a marca de 100% em 2023 e 2024, encerrando 2025 com 90,5%, um aumento de 17,5% em relação ao início do período.

Ainda que sejam o segundo com menor índice de comprometimento de renda em 2025 (71,8%), indivíduos que recebem mais de 8 salários tiveram o maior crescimento no período observado 26,6%.

Comprometimento de renda por renda presumida



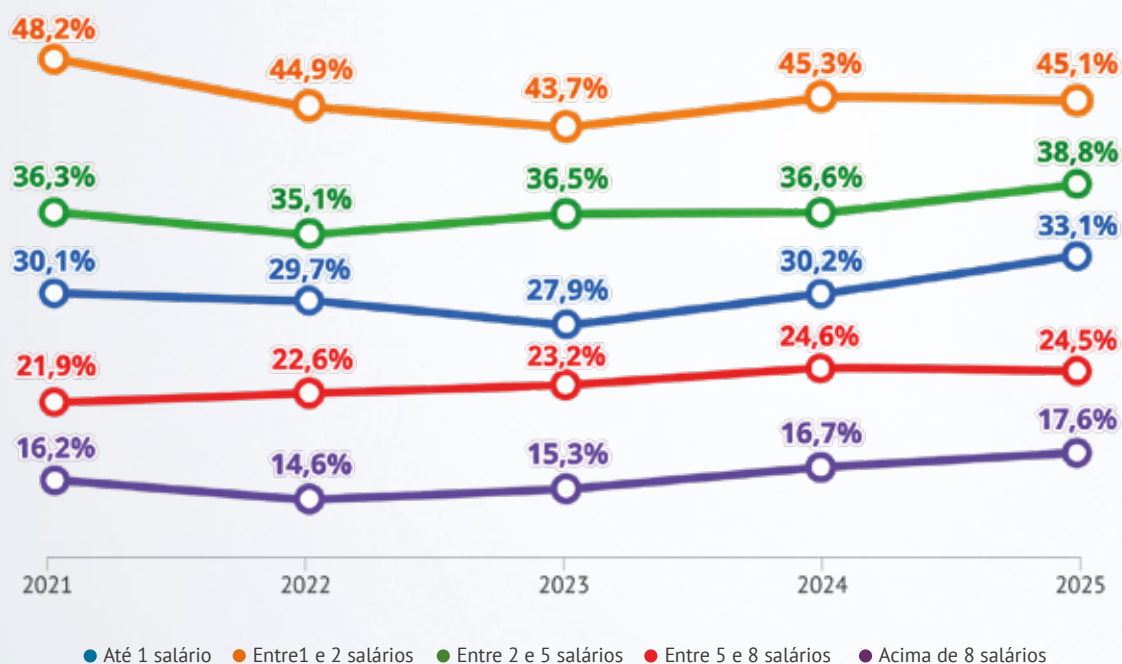
Chama atenção também o grupo com a menor faixa de renda presumida **até 1 salário mínimo** não ter a maior taxa de endividamento total e estar na média do indicador ao longo de todo período: **era 30,1% em 2021 e passou para 33,1% em 2025.**

O grupo com maior índice de endividamento total – indivíduos que recebem entre 1 e 2 salários – foi o único que apresentou queda entre 2021 e 2025: com uma redução de 6,4% encerraram o período com 45,1% na taxa.

Ainda que sejam o segundo grupo com menor índice, indivíduos que recebem entre 5 e 8 salários tiveram o maior aumento: 11,9%, saindo de 21,9% para 24,5% de endividamento total.

Como se espera, o grupo com menor endividamento total são aqueles com a maior renda, apresentando índices abaixo de 20% ao longo de todo período. Em 2025, em comparação com segundo grupo com menor endividamento a diferença foi de 28,2% e em de 61% em relação a faixa com maior índice de endividamento.

Endividamento total por renda presumida



Visão por região

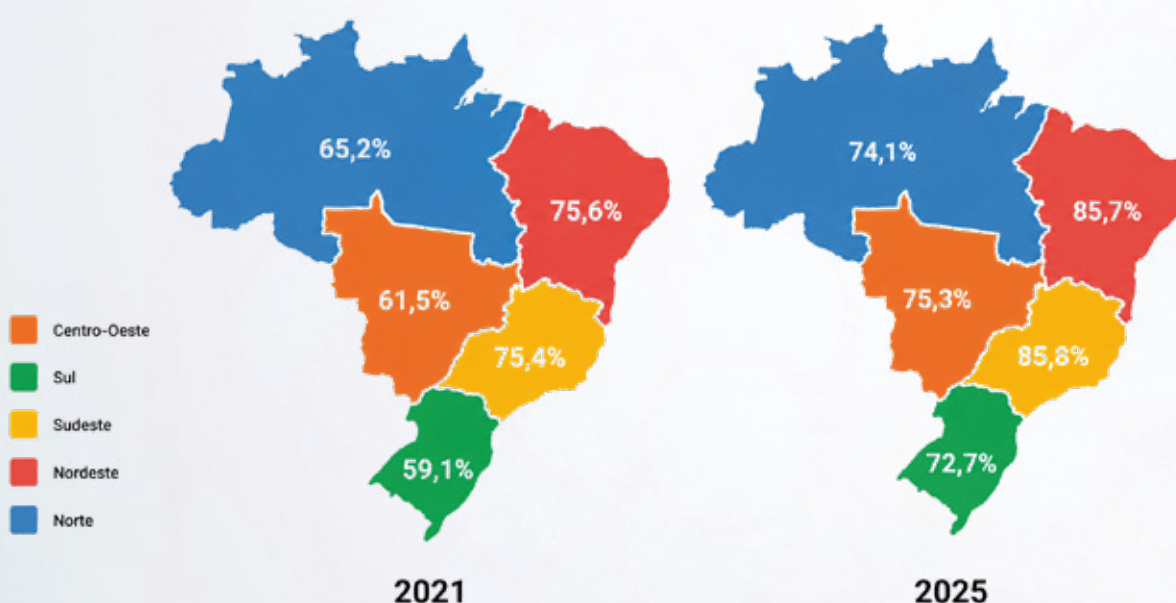
Há uma similaridade no comportamento do comprometimento de renda em todas as regiões. Com as regiões Nordeste e Sudeste apresentando as maiores taxas de comprometimento, 85,7% e 85,8% respectivamente.

Contudo, o maior aumento foi registrado na região Sul, que **encerrou 2025 com 72,7%** – a região com o menor indicador – **um aumento de 23,0% em relação à 2021.**

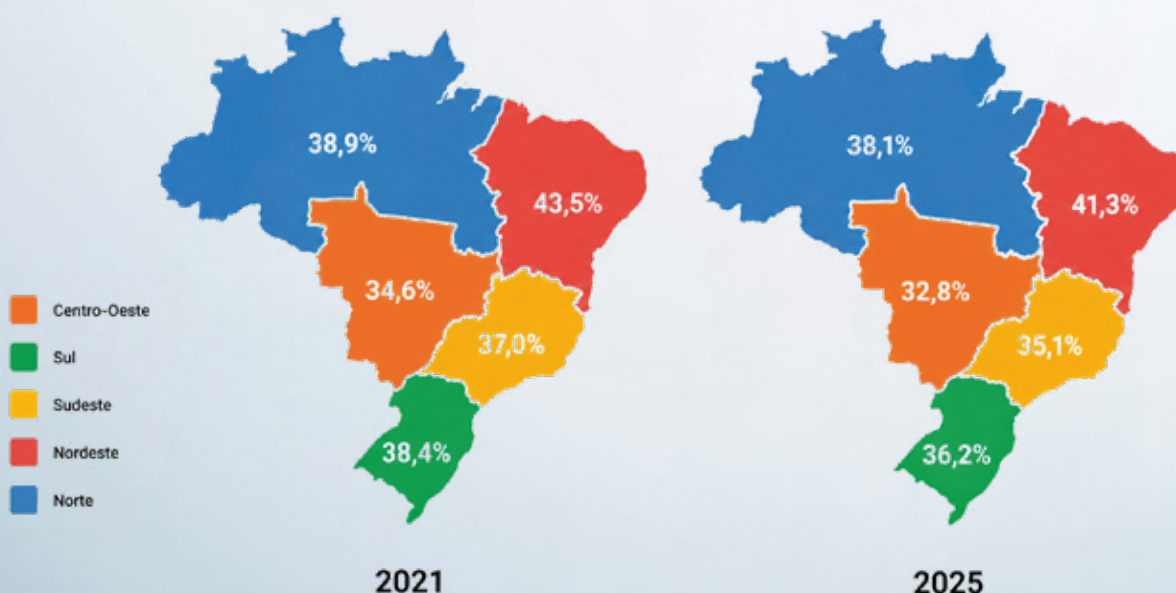
Ainda assim, essa foi a região com a maior redução no índice de endividamento total: uma diminuição de 5,7%, no indicador, que encerrou 2025 em 36,2%.

Com redução do endividamento em todas as regiões, o Norte do país teve a menor queda: 2,1%, mas ao longo de todo período maiores índices foram apresentados pela região Nordeste, a única que encerrou o comprometimento de renda em 2021 e em 2025 acima dos 40%.

Comprometimento de renda por região



Endividamento total por renda presumida



O QUE ESPERAR ATÉ O FINAL DA DÉCADA

Comentário do economista

Os indicadores abordados ao longo deste estudo mostram que o Brasil foi bem-sucedido ao promover uma inclusão financeira relevante nos últimos anos, contribuindo para o crescimento da economia. Contudo, o processo trouxe consigo desafios, como o aumento da inadimplência e do comprometimento de renda das famílias, que, apesar da queda em 2025, permanece elevado.

Diversas iniciativas devem promover o crescimento orgânico do crédito até o final da década. Entre os principais destaques estão o aprimoramento de soluções relacionadas ao open finance, o uso de inteligência artificial (IA) como catalisador da melhora dos modelos de score de crédito e a consolidação do Marco Legal das Garantias, entre outras iniciativas.

No entanto, fatores macroeconômicos serão determinantes para potencializar, ou não, essa trajetória. A Taxa Selic, nesse sentido, é crucial: caso os juros básicos permaneçam altos, haverá um freio importante ao desenvolvimento do crédito.

Por isso, é fundamental promover uma racionalização da estrutura das despesas públicas, responsáveis pelo desequilíbrio fiscal que obriga a União a pagar um prêmio de risco elevado para financiar suas necessidades.

Além disso, a educação financeira deve ser encarada não como um projeto de governo, mas como uma política de Estado, capaz de promover o acesso a um conhecimento que efetivamente transforme, para melhor, a relação das pessoas com o crédito.



Oscar André Frank Junior

é Economista-chefe da CDL Porto Alegre. Eleito Economista do Ano de 2021 pelo Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Sul (CORECON-RS).

Propiciou à Entidade o reconhecimento do Prêmio Projeções Broadcast, da Agência Estado, por figurar em 2024 entre as 10 instituições brasileiras com as estimativas mais próximas da realidade para inflação (IPCA e IGP-M), Taxa SELIC e taxa de câmbio. Além disso, ingressou três vezes no Top 5 mensal do Relatório FOCUS, do Banco Central, com relação à previsão da Taxa SELIC.

Atuou como Economista Sênior da FIERGS, professor universitário da FADERGS em nível de graduação e da Verbo Educacional em nível de pós-graduação.

Graduado pela UFRGS em Ciências Econômicas, com mestrado acadêmico pela mesma Instituição.

METODOLOGIA

COMO ESSE ESTUDO FOI FEITO

O estudo foi desenvolvido em colaboração entre Equifax BoaVista, Acordo Certo e CDL Porto Alegre.

A área de Data & Analytics da Equifax BoaVista analisou CPFs com crédito ativo entre janeiro de 2021 e dezembro de 2025, na base de dados do Sistema de Informações de Créditos (SCR) do Banco Central do Brasil. A análise contemplou distintos produtos de crédito ofertados para brasileiros, separados por faixa etária, renda presumida e região de contratação do crédito.

Os dados da pesquisa foram complementados por pesquisa de opinião realizada pela Acordo Certo entre 26 de maio a 11 de junho, com 2.533 usuários engajados da plataforma, com CPF ativo, distribuídos entre indivíduos com e sem dívidas. As respostas foram coletadas de forma voluntária e anônima, via formulário digital.

O estudo contou ainda com a participação voluntária de Oscar André Frank Junior, economista-chefe da Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre.



SOBRE AS EMPRESAS

Sobre a Equifax Boavista

EQUIFAX | BoaVista

Na Equifax (NYSE: EFX), acreditamos que o conhecimento impulsiona o progresso. Como uma empresa global de dados, análises e tecnologia, desempenhamos um papel essencial na economia global, ajudando instituições financeiras, empresas, empregadores e agências governamentais a tomar decisões críticas com maior confiança. Nossa combinação única de dados, análises e tecnologia em nuvem diferenciados gera insights para impulsionar decisões para levar as pessoas adiante. Com sede em Atlanta e apoiada por quase 15.000 funcionários em todo o mundo, a Equifax opera ou tem investimentos em 24 países da América do Norte, América Central e do Sul, Europa e região Ásia-Pacífico.

Sobre a Acordo Certo



A Acordo Certo é a primeira negociadora de dívidas digital do Brasil, criada exclusivamente para pessoas físicas. Já ajudou mais de 16 milhões de brasileiros a quitarem suas dívidas, e reúne hoje 45 empresas dentro da plataforma, que já ofereceram mais de 8 bilhões de reais em descontos.

A marca pertence a Consumidor Positivo, uma joint venture da Equifax Boavista e Red Ventures, e também oferece serviços gratuitos de consulta de CPF, score, conteúdos de Educação Financeira, e ofertas exclusivas de crédito pessoal e cartões de mais de 15 empresas parceiras.

Sobre a CDL Porto Alegre



Há mais de 65 anos, a Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre (CDL POA) trabalha para fortalecer o varejo, impulsionar negócios e representar os interesses de suas associadas e parceiras. Através de soluções baseadas em tecnologia e inteligência de dados da Equifax Boavista, a CDL POA apoia empresas associadas em toda a jornada de negócios — da prospecção e análise de crédito à gestão de carteira, negativação e recuperação.

A CDL POA também conecta empresas, entidades, poder público e ecossistemas de negócios, ampliando oportunidades e contribuindo para um ambiente empresarial mais competitivo e sustentável. Sua atuação está conectada a mais de 2 mil entidades em todo o Brasil. No Rio Grande do Sul, a entidade é gestora da Rede de Entidades Parceiras, presente em mais de 250 municípios por meio de mais de 160 entidades. A rede alcança cerca de 30 mil CNPJs, que representam aproximadamente 80% do PIB gaúcho.

Conectar, representar e gerar inteligência para transformar negócios e fortalecer o varejo estão entre os principais compromissos da CDL POA.

REALIZAÇÃO

